



A IGREJA E ESCOLA DO PRADO

Cento e quinze anos de instrução e testemunho cristão
em Coimbrões, Vila Nova de Gaia

Sumário

- 2 • Uma Igreja que celebra a sua identidade batismal
- 2 • 115 anos de testemunho e missão
- 3 • *O que fica do que passa*, ou de como a história poderá (talvez) inspirar o presente
- 4 • Da *capela-escola* do Prado à paróquia do Salvador do Mundo
- 10 • Por Cristo e Sua Igreja (o Esforço Cristão do Prado)
- 12 • Diogo Cassels, a visão de um sonhador
- 13 • Tempos de afirmação: a família Nogueira
- 14 • A Escola do Prado, uma crónica possível
- 18 • Reinventando um legado de amor: o centro social
- 20 • Uma comunidade viva em busca de caminhos novos
- 22 • (Mais) algumas figuras
- 23 • Nota bibliográfica
- 23 • Pequeno glossário

Ficha técnica

Título

A Igreja e Escola do Prado: cento e quinze anos de instrução e testemunho cristão em Coimbrões, Vila Nova de Gaia

Autores

António Manuel S. P. Silva | José António Afonso | Alexandra Vidal

Edição

Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica
(Comunhão Anglicana).

Rua Afonso de Albuquerque, 86 • 4430-003 Vila Nova de Gaia
www.igreja-lusitana.org

Design e Impressão Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | Maia

ISBN 978-989-99535-1-2 | Depósito legal 409350/16

© Direitos reservados. Reprodução sujeita a autorização.

Agradecimentos

Aos particulares que cederam imagens e outros documentos
Ao Arquivo Municipal de V. N. Gaia Sophia de Mello Breyner
(imagens p. 6)

À Câmara Municipal de V. N. Gaia pelo apoio à edição

Na contracapa

Batismo de Cristo. Vitral (320x180 cm) de Guilherme Camarinha
(1966). Foto: A. M. Silva

Uma Igreja que celebra a sua identidade batismal



A Igreja Lusitana do Salvador do Mundo possui um belo e rico batistério na sua entrada. A pia batismal é uma peça única de mármore castanho modelado por três veios alusivos à Santíssima Trindade. O sugestivo vitral que enquadra o batistério, da autoria do mestre gaiense Guilherme Camarinha, refere-se ao batismo de Cristo. Tudo se conjuga numa harmonia equilibrada de luzes, cores e materiais, rica do ponto de vista artístico e

com forte sentido eclesial. Com efeito, pelo batismo somos feitos membros do Corpo de Cristo que é a Igreja e recebidos na família da comunidade paroquial. Nesta família da fé, temos comunhão com todos os que foram batizados em nome de Jesus. A pia batismal à entrada da Igreja não só nos relembra a nossa identidade mais profunda em Jesus Cristo como nos ajuda a entender e a viver a Igreja enquanto realidade que transcende espaço e tempo, e que se sustenta na comunhão dos santos.

Celebrando agora o 115º aniversário da dedicação do templo da paróquia do Salvador do Mundo, damos graças a Deus por todos aqueles que tendo sido batizados neste templo, aqui também foram amparados e ensinados no seu percurso de fé e de vida. Daqui, muitos partiram para outros lugares, espalhando a fé e a Palavra de Deus em obediência ao mandamento recebido: *«Portanto, vão e façam com que os povos se tornem meus discípulos. Batizem as pessoas em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo»*. (Mateus 28, 19). A sua fé, dedicação, serviço e exemplo de vida cristã ajudam-nos hoje a perceber que, mais do que um edifício ou uma construção, o verdadeiro templo de Deus somos nós, já que o Espírito Santo que nos é dado no batismo, habita em nós (I Cor 3,16), tornando-nos pedras vivas do templo do Senhor (I Pedro 2,4). O que celebramos e agradecemos verdadeiramente neste aniversário, é o dom do Espírito Santo que nos faz Igreja e hoje nos continua a enviar em Missão.

Damos graças a Deus também, pelo serviço concreto à comunidade que sempre em relação com a Igreja, aqui foi desenvolvido, primeiro pela ação educativa da Escola do Prado e agora pela ação social do centro comunitário do Salvador do Mundo. Passado e presente interligados no mesmo espírito de amor a Deus e de serviço aos homens.

Toda a diocese da Igreja Lusitana rejubila pois por este aniversário da paróquia do Salvador do Mundo e associa-se à sua celebração. Olhando o passado estou certo que todos redescobriremos a nossa vocação batismal que no tempo de hoje nos impele ao serviço da Missão de Deus através da Sua Igreja.

Tempo de Páscoa, Abril de 2016

Jorge, bispo da Igreja Lusitana

115 anos de testemunho e missão



Celebrar 115 anos enche-nos o coração de gratidão e reconhecimento pelas graças que Deus, fonte de Amor vivificador, derramou sobre todos os que fizeram parte desta efeméride: pastores, leigos, crianças, jovens, famílias, adultos e idosos.

«Deus é amor» (1 Jo. 4:8,16), «amou-nos primeiro» e «nós amamos, porque Deus nos amou primeiro» (14,19). Então, o amor que está aqui, o amor que está aí, o amor que está em mim, o amor que está em ti, o amor que está em nós, «vem de Deus» e «quem ama nasceu de Deus» (1 João 4,7).

É pelo amor que brota do encontro pessoal e comunitário com Cristo que nasce e se fortalece o sentido de serviço à Igreja e a Paróquia ganha forma como sinal e presença da Igreja, corpo do Cristo vivo no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração, de tal modo que através de todas as suas atividades a paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes de evangelização.

É na Igreja local que se concretiza a comunhão entre os crentes, e é dela que parte o anúncio e o testemunho evangelizador. Podemos dizer, assim, que a Igreja universal vive na comunidade particular que celebra a Eucaristia.

No tempo que Deus nos dá ousemos ser cada vez mais instrumentos do seu Amor, fazer tudo ao ritmo da fé, dos seus dinamismos, das suas exigências. A fé é a principal atitude que Deus nos pede e espera de nós, um abandono confiante, um desejo de O descobrir, de O conhecer, de O louvar, de O anunciar, abertos e sensíveis aos sinais do Espírito Santo para que a nossa Paróquia seja como uma fonte de água viva onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar e sonhar, e centro constante onde o louvor a Deus, o testemunho a Cristo e o serviço aos homens são marcas de missão gravadas no coração.

Sérgio Alves, Pároco
Presbítero

O que fica do que passa, ou de como a história poderá (talvez) inspirar o presente

Há cento e quinze anos que muitos milhões de viajantes, transportados nos comboios da linha do Norte, observam o singular complexo da igreja e escola do Prado, nas proximidades da estação das Devesas. Muitos reconhecerão no edifício a sua natureza religiosa, assinalada pela cruz que coroa a empena; alguns lerão mesmo a placa com o nome da escola; mas só uma ínfima percentagem adivinhará o peso social e educativo da instituição ou saberá algo da vida e testemunho dos seus principais obreiros ou daqueles que nos bancos da escola ou da igreja (ou em ambos) obtiveram formação, moldaram o carácter ou encetaram uma caminhada pessoal que sentem diferente e mais rica pela instrução, pelos valores ou pela fé que no Prado desenvolveram e os acompanhou pela vida.

Este livrinho é um modesto contributo para que alguns desses viajantes e outros, ligados ao Prado ou não, possam descobrir como ao longo de mais de um século se construiu uma comunidade escolar e religiosa que marca indelevelmente a história local e a identidade do lugar onde se implantou.

Às lacunas dos autores acresce a falta de fontes e imagens que melhor pudessem ilustrar este último século, a um tempo próximo e já tão remoto. Esperamos todavia que o retrato, necessariamente sucinto, traga a par dos nomes e eventos passados algum do colorido, da dinâmica, do testemunho empenhado das três ou quatro gerações que fizeram do *Arco do Prado*, mera referência toponímica otocentista, um lugar maior e perene no coração de milhares.

O que fica do que passa foi pois esta tentativa de compilar histórias e testemunhos, velhas fotografias de rostos na sua maior parte anónimos e (re)construir sob uma nova ótica (na senda do incansável cronista do Prado e de Coimbrões, Júlio Duarte, que durante mais de sete décadas se impôs o dever de registar para o futuro a história que observava e da qual era também protagonista) uma narrativa das comunidades que no Prado se cruzaram: a congregação religiosa, o grupo escolar e os diferentes grupos – de que o *Esforço Cristão* é símbolo por excelência – que no essencial construíam pontes entre as primeiras e da instituição com a população gaiense.

O que fica do que passa poderá também ser porventura uma outra imagem do Prado que algum passageiro mais informado leve nos olhos após o breve momento em que o comboio abandona ao chegar à estação ou ganha velocidade ao distanciar-se dela. *O que fica do que passa* representará também, para os que cremos, uma metáfora da fé: o convite a que no trânsito e bulício das nossas vidas, quase sempre tão sofregamente percorridas, deixemos descansar os olhos e demos ao coração um tempo para escutar a eternidade.

Os Autores

Da capela-escola do Prado à paróquia do Salvador do Mundo



Fotos: Light and Truth 1902 e Arquivo Júlio Duarte



A fachada do templo e escola em 1901 (ainda sem os azulejos da Fábrica do Carvalhinho, que só seriam colocados c. de 1938. À direita uma casa de José da Silva Matos em Coimbrões, cedida a André Cassels para uma missão, antecessora da igreja do Prado.

Na passagem do século XIX para o século XX Diogo Cassels tinha 56 anos e desenvolvia uma atividade extraordinária em diversas frentes. Como diretor da escola que fundara em 1868, e não raro professor nos cursos noturnos e membro de júris de exame, geria uma instituição com uma dezena de docentes e por vezes perto de 200 alunos; como ministro da congregação de São João Evangelista competia-lhe assegurar vários serviços religiosos por semana, muitos com pregação, e assistir pastoralmente os fiéis e em particular os vários grupos associados à igreja, como União Cristã, para os jovens, as classes de escola dominical, o coro paroquial, a sociedade de socorros mútuos, o gabinete de leitura e ainda outros trabalhos e departamentos, para além do *Egreja Lusitana*, publicado quinzenalmente e quase integralmente dirigido e administrado por Cassels. A par de tudo isso, encontrava ainda tempo para escrever para publicações estrangeiras e deslocava-se com regularidade a Inglaterra, à Suíça e a outros países, tendo ainda vida social

e alguma atividade empresarial no Porto e em Vila Nova de Gaia.

Importa esta introdução para melhor percebermos a figura do fundador e as condições nas quais Diogo Cassels se sentiu impelido a implementar novo projeto religioso e educativo no lugar de Coimbrões.

O lugar do Prado é próximo do Torne, menos de dois quilómetros, percurso facilitado pela melhoria das vias e o estabelecimento de transportes regulares a partir de finais do século XIX. A escola e igreja do Torne atraíam desde o início pessoas dos mais afastados pontos da freguesia e até de locais mais distantes, implicando caminhadas de horas para vir às aulas ou aos cultos. No raio de influência do Torne encontrava-se Coimbrões e muitos alunos e membros da Igreja tinham certamente residência nessa área, como percebemos pelas notícias das reuniões familiares onde intervinha o “coro evangélico”, registadas por vezes em casas das Devesas e Coimbrões.

Especialmente em resultado da sua ação educativa, Diogo Cassels criara uma rede social extensa e onde pontificavam figuras locais proeminentes nos campos económico, político e cultural. Pelo menos duas dessas individualidades eram de Coimbrões e vizinhas do Prado: o industrial José Mariani, dono de uma importante unidade industrial têxtil e grande mecenas das causas sociais de Cassels; e José Gonçalves da Silva Matos, membro destacado do Partido Republicano (aliás como Mariani), notável orador político e que desde 1891 era presença assídua na mesa que presidia às festas da Escola do Torne. Perto do Prado, numa casa cedida por Silva Matos a André Cassels (1849-1931, irmão de Diogo Cassels), funcionou em finais do século XIX uma missão e porventura escola, que Júlio Duarte sugere possa ter servido de embrião ou inspirado a fundação da Igreja do Prado, se bem que Diogo nunca refira esta circunstância.

A visão estratégica de Diogo Cassels foi ter identificado as necessidades educativas e



Fotos: Light and Truth 1902 e Arquivo Júlio Duarte

Interior da Capela do Prado em 1901



Vitral original (1901) representando Cristo como a Luz do Mundo, inspirado num quadro de Holman Hunt (1851-52).

sociais de Coimbrões e o potencial do lugar para o estabelecimento de um novo projeto. Como em texto análogo assinalámos, as Devesas desenvolveram-se como importante pólo fabril a partir do momento em que o traçado da linha do caminho-de-ferro



John M. Harden (1871-1931) foi o primeiro ministro do Prado, em 1905-1907. Regressado à Irlanda seria depois sagrado Bispo de Tuam. Leite Bonaparte (1883-1951) sucedeu-lhe até 1908.

escolheu o local para estação terminal da linha do Norte (1864), poucos anos depois com prolongamento até ao Porto. Em função desse eixo de abastecimento e saída de produtos aí se estabeleceram grandes fábricas ligadas ao têxtil (como a dos Mariani, de 1880), à cerâmica (Devesas, 1865; Pereira Valente, 1884), bem como oficinas e indústrias de fundição, serralharia, tabacos ou tanoaria.

Como é próprio dos subúrbios industrializados, ali crescera exponencialmente uma população operária e comercial, em grande parte desenraizada social e geograficamente, com deficientes condições de subsistência e à qual faltava a assistência religiosa e educativa. Enfatizando a vertente social, Cassels explicaria as razões da sua iniciativa notando que nas Devesas “há uma numerosa população operária, e não existia ali nenhum templo cristão de qualquer rito e (...) vagueavam pelas ruas bandos de crianças sem instrução (...)”, pelo que “um ministro da Igreja Lusitana concebeu a ideia de edificar uma Capela-Escola no lugar” (Cassels 1908).

O “templo da instrução”

Nos princípios de 1900 começaram os trabalhos, com o transporte de pedra e a abertura das fundações, dificultada pela natureza dos terrenos, que obrigou à implantação de estacaria em madeira de pinheiro. Os trabalhos decorreram sob direção de Marcelino Lucas Júnior, arquiteto da Câmara Municipal de Gaia, visando construir, segundo Diogo Cassels, um edifício “simples e despretençioso, mas ao mesmo tempo espaçoso e até elegante, e muito bem repartido” (EL, 74).

O projeto incluía uma capela com assento para 200 pessoas, ligada por duas portas à sala da escola, “onde, sendo preciso, mais cinquenta pessoas podem ouvir a pregação do Evangelho”; a escola repartia-se por duas salas de aula, havendo ainda uma residência e salão para conferências no piso superior (EL, 74).

Pouco tempo depois tinha lugar a cerimónia de colocação da pedra angular. Decorreu a 19 de Março, uma terça-feira chuvosa. Nesse campo do lugar do Prado reuniram-se largas dezenas de pessoas que quiseram testemunhar e apoiar o empreendimento. Para além de diversos ministros e crentes da Igreja Lusitana e da Igreja Metodista, representantes de diversas Uniões Cristãs da Mocidade e outros convidados e curiosos, destacavam-se o projetista e alguns industriais e proprietários do lugar, José da Silva Matos, José Mariani e os seus filhos, grandes amigos e apoiantes de Cassels. Após um momento devocional foi assinada uma ata em pergaminho, depositada na pedra fundamental com algumas moedas, e seguiram-se os discursos, enaltecendo “a ideia do levantamento duma capela-escola naquele lugar, que consideravam um grande melhoramento e um avanço no caminho do progresso, da moral e da instrução” (EL, 76).

A inauguração do novo “templo de instrução, tanto para crianças como adultos e igualmente (...) casa de oração” foi a 1 de Maio de 1901. Duas semanas depois, a 12, seria consagrado o templo, que tinha como únicos ornamentos e móveis litúrgicos “uma estante em madeira, um pequeno púlpito, a mesa da Sagrada Comunhão, uma estante de metal sobre a qual se vê a Sagrada Escri-

tura aberta, uma pia de batismo (...) e uma vitrine de cor que representa Cristo a luz do mundo” (EL, 90). Na altura só existiria o vitral central, mas pouco tempo depois terão sido colocados os dois laterais da cabeceira (que não eram os atuais, que devem datar de 1915) e pintados os quadros nas paredes, com frases bíblicas, trabalho do Rev. Manuel Gonçalves de Sousa, um ex-sacerdote católico que se juntara à Igreja Lusitana e durante cerca de um ano leccionou na escola e prestou apoio à nova capela (Cassels 1908).

Desde finais de 1901 teve sede no piso superior a União Cristã da Mocidade, fundada no Torne anos antes, mas em 1903 deslocou-se para o Candal, para nesse espaço ter lugar o primeiro curso teológico da Igreja Lusitana, dirigido pelo Rev. Dr. John Mason Harden e de onde saíam algumas das principais figuras da igreja ao longo do século XX. Entretanto os serviços religiosos iniciaram-se com carácter regular contando Cassels com o apoio do padre Manuel Sousa, de seu irmão, André Cassels e de alguns dos estudantes do curso teológico.

Harden começou a ajudar nos cultos, até como organista, e em Março de 1904 prega no Torne e Cassels felicita-o “pela facilidade com que aprendeu a nossa língua, a correcção da sua linguagem e sua boa pronúncia” (EL, 139). As relações entre ambos eram boas e nesse mesmo ano Diogo designa-o como capelão e “ministro encomendado” da capela do Prado. Mas a comunidade mostrava sinais de crescimento e apresentou ao sínodo um requerimento para constituir-se em congregação autónoma, o que foi concretizado em 1905, sendo instituída a congregação

do Salvador e nomeado John Harden como ministro, decisão que desgostou Cassels, que cioso das prerrogativas da Igreja Lusitana como igreja nacional não via com bons olhos a capela entregue a um estrangeiro.

Após o regresso de Harden à Irlanda em 1907, concluído o curso teológico, as autoridades da Igreja propuseram a Cassels vários nomes, sucessivamente recusados, para ministro da congregação. Insistindo em manter a comunidade na tutela diocesana, o sínodo nomeia o diácono José Leite Bonaparte, um dos clérigos do curso teológico, como ministro da igreja do Salvador, o que extrema o conflito com Diogo Cassels, que entendia ter uma palavra a dizer na designação do responsável da *sua* capela do Prado. O pastorado de Bonaparte é curto e dura só até Fevereiro do ano seguinte, quando ao chegar à capela se depara com a fechadura mudada. A igreja do Salvador perdia o estatuto de autonomia e voltava a ser “igreja-filial do Torne”, sendo os serviços assegurados por Cassels e alguns dos seus colaboradores.

O ciclo de Augusto Nogueira

O ano de 1913 marca um novo ciclo. Augusto Nogueira é transferido por Diogo Cassels do Torne para professor principal no Prado e aí se instala com sua esposa, Albertina Lopes de Almeida, responsável pelas classes femininas a partir do ano seguinte. Para além da colaboração do casal na direção e docência da escola, Augusto Nogueira passou a atuar na prática como o coadjutor que há tantos anos Cassels reclamava, se bem que o diferendo em relação à sua ordenação estivesse longe de resolvido.



Fotos: Arquivo Municipal de V. N. Gaia, Sophia de Mello Breyner
Interior da Igreja do Salvador do Mundo, na década de 1950

O relatório da Igreja Lusitana de 1915 reconhece Augusto Nogueira como “ajudante” de Diogo Cassels e respeita a designação da comunidade como “capela”, de certa forma a meio caminho entre as designações de “igreja” e “missão” atribuídas às outras congregações. Em Maio de 1916, o sínodo licenciou Nogueira como “pregador leigo” e “encarregado dos cultos na capela do Salvador do Mundo sob a direção do Rev. Diogo Cassels”, validando a situação existente, mas

Augusto Nogueira só em 1922 seria ordenado diácono.

Nos primeiros anos o crescimento da comunidade foi pouco notório e Cassels lamentava em 1914 que apesar dos cultos serem bem frequentados e a capela por vezes se encher, não fosse possível estabelecer o número mínimo de 20 comungantes requerido pelos cânones para a constituição formal de uma congregação autónoma. Todavia, graças à persistência e dinâmica do casal Nogueira, devotados à igreja e à obra educativa e com o tempo e energia que Cassels naturalmente já não detinha, a comunidade desenvolveu-se e a escola, em particular, alcançou notoriedade e peso local, quer no ensino elementar, quer no ensino noturno e nos alunos que apresentava a exames do ensino secundário.

É impossível traçar aqui um quadro completo das décadas de pastorado e direção escolar de Augusto Nogueira – que Júlio Duarte detalha em vários dos seus trabalhos – mas servindo-nos dos relatórios da igreja podemos ter uma imagem breve do que era o Prado na transição entre as décadas de 1930 e 1940.

A congregação rondava os 60 comungantes e celebrava dois cultos dominicais e por vezes um à semana, embora a eucaristia tivesse lugar apenas uma vez por mês, como era costume na Igreja Lusitana. A escola dominical, com cinco ou seis monitores, tinha cerca de 60 crianças e as atividades não litúrgicas, como festas, excursões, conferências e reuniões de oração, estavam a cargo da Liga do Esforço Cristão e da Sociedade de Senhoras, contando cada um destes departamentos mais de quatro dezenas

de inscritos. O Esforço Cristão continuava empenhado em reunir fundos para a construção de um salão paroquial e amealhara já perto de 14 000 escudos, embora com a mudança de residência da família Nogueira parte do piso superior do edifício servisse já para esta função. No começo da década de '40 um grupo coral pontificava em diversas cerimónias, como nos atos comemorativos do 40º aniversário da dedicação do templo, em Maio de 1941. Entre 1939 e 1944 registaram-se na igreja do Salvador do Mundo 26 batismos, 10 casamentos e 16 funerais. Também a escola acusava grande dinâmica, contando nesse período com três ou quatro professores e oscilando o número de matrículas entre 60 e 120, com uma média de perto de 60 exames por ano.

Entre dois (futuros) bispos: renovação e modernidade

À medida que a idade do pároco avançava, a Junta Paroquial pedia às autoridades diocesanas um coadjutor para o auxiliar. Nos

finais de década de 1940 alguns evangelistas cumpriram temporariamente esse papel mas a resposta só chegaria em Outubro de 1951, com a colocação do diácono Luís Manuel Crespo naquelas funções. A partida do Rev. Crespo para Angola, poucos meses depois, levou a comissão permanente a nomear como ministro-auxiliar o Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral, correspondendo aos desejos da paróquia.

Sendo uma das figuras do movimento de revigoração da Igreja, que nessa época agregava um conjunto de clérigos e leigos que pretendiam restabelecer na Igreja Lusitana uma liturgia mais católica e uma visão pastoral melhor adaptada aos novos tempos, o Rev. Pina Cabral desde logo assumiu o dossiê da renovação arquitetónica do templo e a ampliação do salão social no piso superior, culminando um conjunto de obras que se vinham realizando desde há vinte anos.

As alterações no templo envolveram a renovação do mobiliário litúrgico, incluindo o altar, púlpito e um batistério modernista,

No 80º aniversário do Rev. Augusto Nogueira (1951). Na fila da frente o Rev. Daniel de Pina Cabral (esq.), o Rev. Nogueira e o Rev. Luis Pereira, entre membros da paróquia.



instalado agora à entrada da igreja e onde pontificava uma nova taça batismal (consagrada em 1954), a que mais tarde se juntaria um belo vitral da autoria do conhecido artista gaiense Guilherme Camarinha (contracapa deste livro). A comunidade registava novas dinâmicas, como a inauguração de um grupo de escoteiros, o Grupo 41, chefiado por Franklim Couto, e o lançamento de um boletim paroquial traduzindo a nova visão pastoral, que todavia se publicou apenas durante dois anos; em contrapartida, a sociedade do Esforço Cristão lançava em finais de 1959 o primeiro número do seu boletim, retomado em 1961 a um ritmo trimestral até à atualidade. Em contrapartida, a escola registou um período difícil, tendo sido encerrada por ordem das autoridades, entre 1954 e 1956.

Na primavera de 1961 o Rev. Daniel de Pina Cabral teve de assumir o pastorado da vizinha paróquia do Bom Pastor, no Candal, por falecimento do pároco local, e foi colocado



O Rev. Manuel Crespo, coadjutor entre 1951 e 1952, sucedido pelo Rev. Daniel de Pina Cabral, na foto ao lado com o Bispo D. Luís Pereira.

A Junta da Igreja do Prado na década de 1960. A partir da esquerda, José Fernando Araújo (que viria a ser pároco mais tarde), Júlio Duarte, Rev. Francisco Venâncio, Manuel Queiroz, Franklim Soares e Alexandre Fernandes.



Foto: Arquivo Júlio Duarte

no Salvador do Mundo o Rev. Francisco Venâncio de Oliveira, primeiro como ministro-auxiliar e desde 1963 como pároco, mantendo-se nessas funções até 1971.

O pastorado do Rev. Venâncio foi marcado por uma grande dinâmica, inclusivamente como presidente *ex-officio* do Esforço Cristão. Em 1965-1966, com a partida para Deus do Rev. Augusto Nogueira e de sua esposa,

D. Albertina de Almeida Nogueira, encerrava-se de certa forma o ciclo dos fundadores da comunidade, mas nesse mesmo ano de 1966 o bispo D. Luís Pereira consagrava, na presença de mestre Camarinha, o novo vitral alusivo ao batismo, símbolo perene de renovação e esperança cristã.

O Esforço Cristão continuava muito ativo, bem como sua secção feminina, prosseguindo a recolha de fundos para projetos específicos e que permitiram por esses anos a aquisição de um duplicador a stencil para a impressão do boletim e de um aparelho de televisão, atração não despidianda considerando que as emissões de TV em Portugal tinham menos de dez anos. Entre os finais da década de 1960 e os começos da seguinte registam-se eventos importantes, nomeadamente ao nível do movimento ecuménico (participação da paróquia na Semana de Oração pela Unidade), juventude e outras áreas que aqui não podem ser descritos, mas merece nota a decisão da Junta de 6 de Março de 1971, perante o bispo D. Luís que viera anunciar

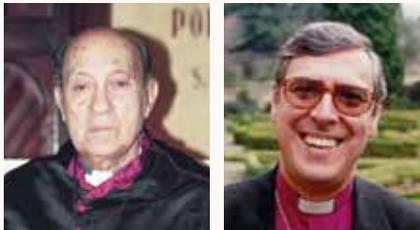


Fotos: Bolet. Esf. Cristão Prado e Arquivo Júlio Duarte

a partida do Rev. Venâncio para Alcácer do Sal. Discutindo-se quem poderia substituir o pastor que estava de saída, foi proposto para receber ordens de diácono o então evangelista Fernando da Luz Soares. Depois de ver dois dos seus antigos párcos ascender à responsabilidade do episcopado (o Dr. John Harden e o Dr. Daniel de Pina Cabral), a Junta do Salvador do Mundo estava sem o saber (assim são os caminhos de Deus) a lançar no ministério ordenado outro futuro bispo da Igreja de Cristo.

Na verdade, após um breve período de poucos meses (1971-1972) em que foi ministro-interino do Salvador do Mundo o Rev. Octávio Guedes Coelho, Fernando da Luz Soares, entretanto ordenado, é colado como pároco em Março de 1972, funções que manterá até 1987, mesmo depois da sua sagração episcopal e exercício diocesano.

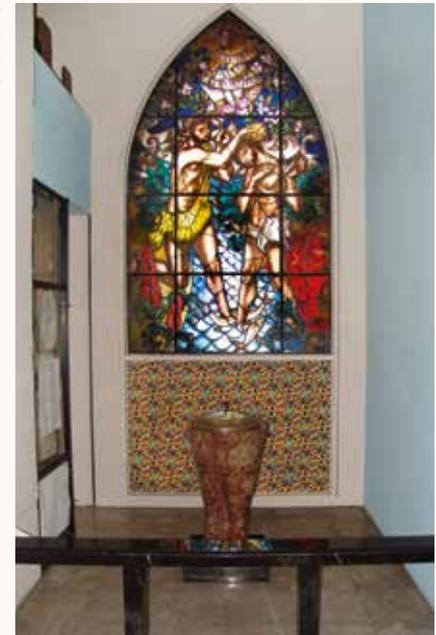
O pastorado de Fernando da Luz Soares foi assinalado pela modernização da ges-



Após uma breve passagem pela paróquia do Rev. Guedes Coelho (1971-1972), D. Fernando da Luz Soares (em cima, à dir.) pastoreou o Prado durante cerca de 15 anos, sucedido pelo Rev. Fernando Araújo (1989-1991, na pág. anterior) e pelo Rev. Telmo Silva, entre 1997 e 2007.

Fotos: Arquivo Igreja Lusitana

Batistério (1954-1966), com o magnífico vitral de Camarinha e pia de batismo de 1901, em faiança, oferecida por Frank. R. Nixon, membro da igreja do Torne



Fotos: Manuel Pina Cabral (pia antigale) e A. M. Silva

tão pedagógica e administrativa da escola (com nova direção a partir de 1981) e por projetos de carácter social, não concretizados, que traziam já a consciência da necessidade de diversificar a oferta e ajustá-la aos novos tempos saídos do regime democrático de 1974, iniciando-se debates para a instalação de um infantário ou um centro para a terceira idade. No plano pastoral foram preparados novos candidatos ao ministério, como Carlos Augusto Duarte e José Fernando de Jesus Araújo, ordenados diáconos nessa altura. Este último foi designado como coadjutor e nessa qualidade desenvolveu apreciado trabalho pastoral no Salvador do Mundo, considerando designadamente a menor disponibilidade de tempo de D. Fernando em consequência das suas obrigações episcopais; entre

1989 e 1991 o Rev. José Fernando Araújo exerceu mesmo como pároco, resignando por limitações de saúde.

A indisponibilidade de ministros que pudessem assumir a paróquia deixou o Salvador do Mundo sem ministro efetivo nos anos seguintes, até que o Rev. Telmo Fernando de Almeida e Silva fosse colado como pároco em 1997, mantendo-se nessas funções até que em 2008, igualmente por razões de saúde, teve de abdicar dessa responsabilidade. Após novo interregno, a capela do Prado, igreja do Salvador ou paróquia do Salvador do Mundo, como foi sucessivamente designada nestes últimos cento e quinze anos voltou a ter novo pároco, um filho da comunidade, em 22 de Novembro de 2014. Mas estes (ainda) não são caminhos da história.

Por Cristo e Sua Igreja (o Esforço Cristão do Prado)

Com origens nos Estados Unidos, onde surgiu em 1881 pela mão do pastor evangélico Francis E. Clark, o movimento do Esforço Cristão pretendia levar os jovens a um compromisso pessoal com Cristo e a ação da Igreja, enfatizando a responsabilidade do testemunho cristão, a leitura diária da Bíblia e a participação regular nas congregações e nas ligas ou sociedades.

O Esforço, que rapidamente se alargou à Europa, era algo diferente de outro movimento internacional para jovens, o YMCA (Associação Cristã da Mocidade), fundado em 1844 e que contava com várias Uniões Cristãs da Mocidade criadas em Portugal desde os finais do século XIX.

Diogo Cassels constituiu em 1903 uma liga do Esforço Cristão, com secções masculina e feminina, que organizava conferências, passeios, sessões recreativas, reuniões de oração e outras atividades, mas já desde 1895 funcionava ali a União Cristã da Mocidade, que acrescentava aquelas ações o apoio ao ensino noturno.

Após a fundação da capela do Prado, a União mudou a sua sede para o salão superior, dando continuidade à animação da juventude e à obra filantrópica e assistencial iniciada no Torne. O seu primeiro presidente foi o Rev. Manuel Gonçalves de Sousa, também professor da Escola do Prado. A necessidade de utilizar aquele espaço para a realização do curso teológico da Igreja Lusitana, entre outras razões, levou a que em 1903 a União mudasse a sua sede para a igreja do Bom Pastor, Candal, sob presidência do pastor local, o Rev. André Cassels.

Em 1924, o Rev. Augusto Nogueira organiza uma liga juvenil, que J. Duarte (1999)

afirma seguir o espírito do Esforço Cristão. Dirigiam-na jovens da comunidade e os membros pagavam uma mensalidade de \$50 (reduzida a \$30 por não ser acessível a todos) para poderem realizar um passeio no dia de São João de 1925, assim descrito pelo mesmo autor: *“... levaram biscoitos Paupério que a Liga pagou, uma chaleira e cada um sua chávena e todos seguiram para Lavadores, a pé. Uma vez ali no pinhal, pôs-se água a ferver para o chá, que todos tomaram, fez-se oração e cantaram-se hinos. E depois, toda a gente se descalçou e foi para a praia, para a brincadeira quase até ao final da tarde, e quando regressaram a casa já anoitecia.”*

A ação da Liga, conjugando a educação, a evangelização e o lazer, prosseguia com entusiasmo e em 1926 novo passeio foi organizado, mas por desacordos internos (próprios das associações juvenis), em 1927 fundou-se a União Cristã da Escola do Prado, concorrente da Liga Juvenil, que entretanto acabou. Esta organização, idêntica nos princípios à anterior, foi designada como Grémio Evangélico do Prado em 1930 e mais tarde por Esforço Cristão do Prado, tendo chegado até hoje e reconhecendo a data de 30.01.1927 como a do seu nascimento.

Já em 1932, as senhoras da Igreja constituem o departamento feminino do Grémio, tendo como principais iniciativas o auxílio e assistência moral e espiritual aos pobres, não faltando os enxovais para raparigas casadoiras e roupas, muitas vezes confeccionadas pelas próprias, para muitas crianças. Já então se prestava apoio domiciliário a doentes, membros da Igreja ou não, sem distinção entre os que mais precisavam.

A forte ligação do Grémio à Escola do Prado foi testemunhada por um dos seus funda-



Light & Truth, 1927

Fundadores da União Cristã (1927): Arnaldo Marques Daniel (1), José Marques Daniel (3), Alexandre R. Fernandes (4), Raúl J. Gonçalves (5) e Júlio Duarte (6). Ao centro (2) Margarida Nogueira, filha do Rev. A. Nogueira.



Arquivo J. Duarte

Cartões de associado da União Cristã e do Grémio Evangélico, pertencentes a Júlio Duarte.



Arquivo J. Duarte

Passeio do Esforço Cristão ao parque da Senhora da Saúde, Carvalhos, em 9 de Junho de 1934



Diversos boletins juvenis, manuscritos e datilografados: *A União* (1927-1929), *Gazeta do Prado* (1929-1931) e *O Esforçador Juvenil* (1938), que culminaram com o *Esforço Cristão do Prado*, que se publica desde 1959 (nº de 1962, impresso a duplicador e colorido à mão).

dores, Alexandre Fernandes, ao discursar na sessão comemorativa do 6º aniversário da associação e inauguração do novo estandarte da Escola, a 30 de Janeiro de 1933: “A [Liga] foi fruto de uma proveitosa sementeira feita naqueles tempos em que frequentaram os bancos desta Escola, pois nela sempre se praticou o louvável uso de dispender um pouco de tempo a instruir no conhecimento de Deus os espíritos infantis.”

O aumento de atividades levou o Esforço a criar um fundo para reunir dinheiro para a construção de sede própria, em 1935, mas com as vicissitudes da Segunda Guerra e o aumento dos preços dos materiais de construção, o projeto foi abandonado, utilizando-se para o efeito as salas do piso superior, que a mudança de residência do Rev. Augusto Nogueira libertou e que as obras de 1953 deixaram com a configuração atual.

Desde as origens, o EC do Prado empenhou-se na melhoria das suas condições, criando diversos fundos. À custa dessas campanhas foram adquiridos um piano, uma máquina de escrever (1953) e um duplicador para imprimir o seu boletim, publicado desde 1959, aparelho que custou em 1964 a expressiva quantia de 5 contos! Em 1965 outro fundo

Projeto para a nova sede do Esforço Cristão do Prado (1935)



permitiu a compra de um aparelho de televisão, e por vezes, quando a paróquia precisava de dinheiro para obras, era aos “fundos” do EC que recorria. O Esforço tinha também a seu cargo as reuniões de estudo bíblico, o prémio dos antigos alunos do Prado e uma biblioteca, cujo registo chegou a contar com 638 livros. Não se restringindo à atividade paroquial, a missão do Esforço alarga os seus horizontes além-mar, apadrinhando a diocese dos Libombos, Moçambique, de que seria bispo D. Daniel de Pina Cabral, com o “Fundo Missionário” em 1962

O Esforço Cristão do Prado prossegue a sua caminhada de serviço à igreja e testemunho cristão, cuidadoso na celebração das suas efemérides e recordando com carinho a memória dos *esforçadores* que já partiram para Deus. O seu boletim marca a vida e a história da paróquia, e na sua bandeira verde de letras amarelas, o **C** de Cristo continua a abraçar o **E** do *esforçador*, tocando a letra em quatro pontos a simbolizar os princípios basilares da sociedade: confessar Jesus Cristo como Senhor (Rom. 10, 9); servir a Cristo (Jo 12, 26); comunhão com os cristãos (Jo 17, 20-21) e fidelidade à Igreja de Cristo (Rom 12, 4-5).

Diogo Cassels, a visão de um sonhador

Nascido no Porto em 1844, James (ou Diogo, nome que adotou) foi o primeiro filho de um negociante britânico que vivia em Portugal. A família estabeleceu-se em Gaia, onde o patriarca, John Cassels tinha residência e uma estampanaria têxtil.

Nascido numa família crente, desde jovem Diogo dedicou-se à evangelização. Com pouco mais de 20 anos, chamou a Gaia alguns vendedores de Bíblias, realizando em sua casa reuniões religiosas para as quais convidava os operários, vizinhos e amigos. Em 1868 trouxe de Lisboa, para celebrar a Comunhão, Herreros de Mora, presbítero que liderava uma comunidade anglicana. A novidade deste modo de cultuar suscitou a desconfiança das autoridades, o que fez com que Cassels fosse detido por crime de proselitismo e desrespeito à religião do Estado. Em 1868 foi julgado e condenado a seis anos de deportação, pena anulada pelo Tribunal da Relação.

A perseguição não enfraqueceu a convicção do jovem Diogo, que nesse mesmo ano funda a capela do Torne, o primeiro edifício construído no País para o culto não católico-romano destinado a portugueses. Ao mesmo tempo patrocina uma classe de ensino elementar, instalada em sua casa e espaços alugados até que em 1872 constrói um edifício de escola junto à capela.

Nas quatro décadas seguintes, Cassels distribui a sua vida entre a ação religiosa e educativa. A escola do Torne ganhou crescente implantação no meio social: ao ensino elementar, com frequências anuais na ordem da centena de crianças de ambos os sexos, juntam-se uma creche, aulas noturnas para adultos e cursos secundários, entre outras áreas de formação inovadoras, desde a ginástica às artes e ofícios.

A escola tornara-se um polo social e cultural. Cassels e a sua pequena equipa não têm mãos a medir. Garantia-se que todas as crianças pudessem frequentar a escola, enquanto mais de um centena de pessoas eram apoiadas com uma refeição diária; fomentava-se a integração e a literacia financeira através de uma sociedade mutualista e uma caixa económica para operários; a ação cultural traduzia-se por numerosas conferências e saraus de poesia, música e teatro, para além de um “gabinete de leitura” com os jornais diários e uma biblioteca.

Em 1880 a igreja do Torne adere à recém-organizada Igreja Lusitana e em 1883 Cassels

assume quase na íntegra a construção de outra capela e respetiva escola, agora no Porto. Instituído Diácono e ordenado Presbítero (1892) na Igreja Lusitana, continua a ocupar todo o seu tempo e recursos à pregação, à educação e assistência aos mais carenciados. Em 1894 faz construir um novo templo para a sua igreja do Torne. Em 1901 inaugurou ainda no Arco do Prado outra escola/igreja, igualmente construída a expensas próprias e de donativos que angariava.

A visão de Diogo Cassels, como educador e homem de fé, foi registada pelo próprio numa obra que publicou sem assinatura (*A Reforma em Portugal*, 1908), mas percebe-se intimamente, com a frescura de relatos quase semanais, no jornal *Egreja Lusitana*, que editou durante 32 anos.

A sua firmeza de carácter, fruto dos princípios que o guiavam, não deixou de trazer-lhe alguns dissabores, mas Diogo Cassels pôde ainda ver, com humildade, a sua ação junto de milhares de gaienses que no Torne beberam as primeiras letras e moldaram uma cidadania informada e humanista reconhecida em vida.

Em 1908 foi condecorado como Benemérito da Instrução; em 1910 a Câmara Municipal atribuiu o seu nome à rua do Torne e em 1915 uma portaria louvava no *Diário do Governo* a sua ação educativa. Em 1922, em cerimónia pública de sentida homenagem, recebeu a Comenda da Ordem de Cristo. Partiu para Deus no ano seguinte, a 7 de Novembro. Posteriormente, foi-lhe erigido um busto no Jardim do Morro, ainda hoje um dos elementos emblemáticos daquele espaço verde gaiense.



Foto: Arquivo AETP

Tempos de afirmação: a família Nogueira

Augusto Nogueira nasceu em Sebolido, Castelo de Paiva a 10 de Junho de 1871. No Porto fez a formação secundária e ingressou no Seminário Maior, onde estudou até ao terceiro ano.

De aí para a frente a história é contada por Diogo Cassels. Por alturas de 1894-95, Augusto estava entre alguns estudantes que ocasionalmente assistiam aos serviços religiosos no Torne e terá ficado impressionado com uma conferência sobre as missões na China, proferida por William Cassels, irmão de Diogo, que ali serviu como bispo anglicano.

O jovem seguiu para o seminário, mas “depois de uma luta terrível na sua alma, saiu do seminário no verão de 1898 e pouco depois pediu para ser admitido na congregação de São João Evangelista [Torne]”. Segundo Cassels, Nogueira convencera-se, pelo estudo da História e pela leitura da Bíblia, dos “erros, superstições e inovações de Roma”, decidindo assim abandonar aquela Igreja (Cassels 1908).

Logo nesse ano o ex-seminarista foi recebido no Torne, onde testemunhou os motivos da sua abjuração, e foi convidado a exercer como professor, mas em Agosto de 1899, grassando a peste no Porto, terá abandonado apressadamente as suas funções de professor para se refugiar em Castelo de Paiva, junto da família. Mais que a crise sanitária, porém, terão sido questões de consciência a suscitar a fuga de Nogueira, que entretanto escreveu a um jornal portuense retractando-se da sua conversão ao cristianismo evangélico.

Continuando com Cassels, os tempos seguintes foram de drama e sofrimento para Augusto Nogueira, em resultado da morte de três familiares e de ter partido uma perna, ficando incapacitado por longo período. Em 1901 foi pedir perdão a Diogo Cassels e reaproximou-se da Igreja Lusitana. Cassels acolheu-o e em começos de 1906 Nogueira voltava a leccionar na escola do Torne. Tendo-se iniciado o curso teológico da Igreja, o ex-seminarista solicitou admissão, mas foi recusado por desaprovação das autoridades diocesanas e da sociedade missionária inglesa que patrocinava o curso

pelo seu anterior comportamento (Cassels 1908).

Para Cassels, Augusto Nogueira estava perdoado das suas indecisões de juventude; estabelecera-se entre ambos uma forte relação de amizade e Diogo, já a entrar nos sessenta, via nele o coadjutor e sucessor que as lides do Torne e agora as do Prado lhe recomendavam. Mas as coisas não foram fáceis e durante mais de uma década Cassels sustentou um braço de ferro com o sínodo, que exigia provas de confiança e retardava a pretendida admissão de Nogueira ao ministério.

Desde 1907 Cassels e a Junta Paroquial do Torne desdobraram-se em requerimentos ao sínodo, chegando a apresentar uma exposição com mais de trezentas assinaturas, atestando o bom comportamento, zelo e assiduidade de Nogueira na escola e na igreja e pedindo o perdão dos seus atos “a fim de que ele possa auxiliar o nosso velho ministro na qualidade de diácono” (EL, 237).

Em 1910, por fim, foi concedida a Nogueira carta de pregador licenciado, mas por pressão do Conselho de Bispos anglicanos que tutelava a Igreja Lusitana (por esta não ter então bispo próprio) a licença foi suspensa. Diogo, agora com o apoio do irmão, André, continuava a insistir na ordenação do seu *coadjutor*, com

requintes de formalidade e diplomacia, mas as questões só foram levantadas em 1916 – quando Nogueira era já o responsável pela capela e escola do Prado – e mesmo assim a sua ordenação diaconal só foi realizada em 1922.

Com a morte de Cassels (1923), Augusto Nogueira assume a direção da escola e o pastoreio da igreja do Prado, entretanto restaurada como congregação autónoma. Com a esposa, Albertina Lopes de Almeida, também professora da escola durante longos anos, o *senhor Nogueira*, como era conhecido, construiu nas décadas seguintes um percurso de plena afirmação da comunidade na Igreja Lusitana, ganhando crescente respeito local pelo trabalho educativo.

Ainda na década de 1930, uma das suas filhas, Augusta Nogueira Queiróz, começa também a leccionar na escola, da qual seria mesmo diretora. Em 1953, o cônego Augusto Nogueira preside pela última vez à Junta e retira-se progressivamente de responsabilidades pastorais. Partiu para Deus em 3 de Março de 1966, deixando em todos quantos com ele privaram uma memória de retidão de carácter e dedicação evangelística, testemunho continuado pela ligação da sua família à paróquia do Salvador do Mundo.



Augusto Nogueira, a esposa D. Albertina Almeida, e a sua primeira filha, Margarida, em 1914

A Escola do Prado, uma crónica possível

Diogo Cassels pautou a sua missão com a indelével convicção de que a educação era “o valor máximo para Deus ser melhor conhecido, louvado e adorado pelos homens”, como expressava em 1906, escrevendo que “a instrução há-de chegar a cada aldeia, a cada casa, a cada família, a cada pessoa, a cada fábrica, a cada oficina. Seja a nossa divisa o Progresso, o Trabalho, a Indústria e a Instrução” (*EL*, 184). Naturalmente fazia um balanço do seu empenho em terras gaienses para disseminar o cristianismo. Na memória tinha presente a criação da capela-escola do Prado.

A oportunidade pessoal e a consciência de que as Devesas eram um polo de crescimento económico e social levaram-no a sonhar que a Igreja Lusitana aí poderia ter mais um rosto da sua ligação com o povo, justificando mais tarde a iniciativa pelas cir-

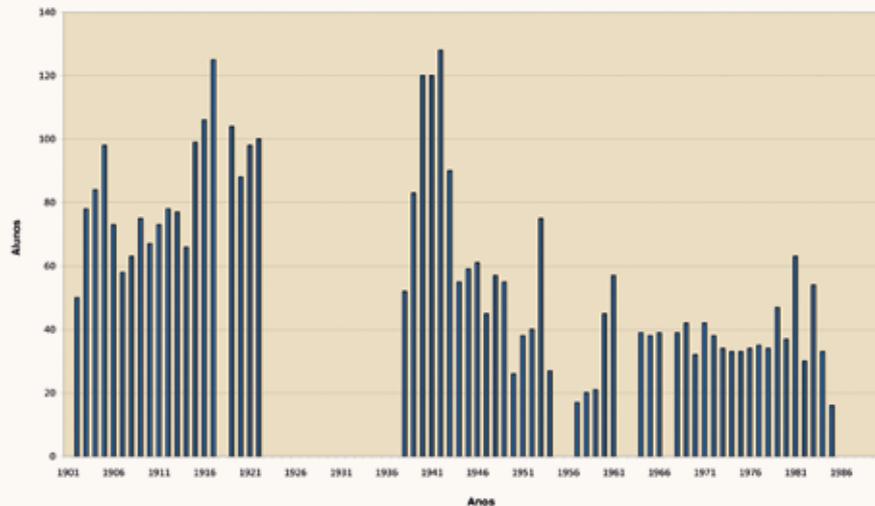
cunstâncias de haver naquele lugar: “uma numerosa população operária, e não existia ali nenhum templo cristão (...) e como também vagueavam pelas ruas bandos de crianças sem instrução (porque a professora da única escola oficial apesar de muito zelosa não podia admitir nem a metade destas crianças na sua escola)...” (Cassels 1908).

Nos começos de 1900, arrancaram as obras. O projeto da escola previa duas salas de aula, cada uma com “escrivadinhas para 60 alunos, sendo amplas, bem ventiladas e com ampla luz”, havendo ainda uma sala para conferências e na parte posterior, “um pátio de recreio (...) e um campo pequeno, onde mais tarde talvez se possa estabelecer um ginásio para os alunos” (*EL*, 74), como antevia Cassels, consciente da importância da ginástica na educação.



Light and Truth, 1904

A primeira pedra foi colocada a 19 de Março, comparecendo ministros da Igreja Lusitana e personalidades locais, como os industriais José Gonçalves da Silva Matos e José Mariani. Este último, cuja residência e fábrica de fição e tecidos eram vizinhas,



Escola do Prado. Alunos do Ensino Primário.

Valores máximos registados (matrículas/frequências) não incluindo as aulas noturnas e do ensino secundário. Os anos em branco correspondem a lacunas de informação, salvo os anos letivos de 1954-56, no qual a escola esteve encerrada.

Fonte: relatórios, livros de registo da escola e imprensa

é referido como “um dos iniciadores desta obra”, pois foi um dos principais mecenas, oferecendo 100 mil réis para a compra do relógio e mais 50 mil réis para outras despesas (EL, 76).

Os discursos foram unânimes nos elogios ao empreendimento, visto como “um grande melhoramento e um avanço no caminho do progresso, da moral e da instrução”, quer em relação à capela, uma vez que naquele populoso lugar não havia outra; quer no tocante à escola, dada a incapacidade de resposta da única escola oficial (EL, 76).

Nos meses seguintes, as obras motivaram curiosidade e expectativa, noticiando o *Egreja Lusitana* que grande número de alunos pretendiam matricular-se e “a vizinhança pergunta com insistência se a nova escola terá relógio de torre, visto que no lugar não há nenhum que se faça ouvir” (EL, 84).

A inauguração foi no primeiro de Maio de 1901, “coincidência notável, dia de festa para todos os operários”, como observou Cassels. Pouco depois começaram as aulas de instrução primária masculinas e as notur-



Arquivo Paroquial do Torne

Grupo de alunos e professores da Escola do Prado, c. de 1913. Vêem-se o professor Augusto Nogueira (esquerda) e Diogo Cassels, à direita.

nas para adultos e rapazes, com 50 matriculados em cada uma. O Rev. Manuel de Sousa, um sacerdote, saído da igreja católica-romana, foi o primeiro professor, sendo as aulas noturnas leccionadas no piso superior pelo professor José Afonso, enquanto Cassels anunciava no seu jornal aulas de Francês, sob responsabilidade do primeiro. As obras só seriam concluídas em meados de 1902, começando em Outubro desse ano as aulas de instrução primária para meninas.

Nos anos seguintes Cassels noticia por várias vezes que as aulas “se acham inteiramente completas de alunos, e é inteiramente impossível admitir mais” (EL, 126), sendo frequentes os alertas para que as matriculas se realizassem impreterivelmente nas datas estipuladas porque os que não cumprissem “sujeitavam-se a não encontrar lugar” (EL, 482). Há também registo de outras atividades, como as sessões de “lanterna mágica”, onde se exibiam “muitas vistas” e “quadros luminosos”, seguindo-se uma “distribuição

de café e gueieifas”. As festas infantis pelo Natal vão granjeando crescente sentido, recordando Augusto Nogueira que as crianças “tomavam chá e se deleitavam à volta de um pinheiro-Natal”. São ainda mencionadas as participações da escola em comemorações cívicas como o Centenário da Almeida Garrett que teve lugar no Palácio de Cristal em 1910 (EL, 268) ou, como a designava Diogo Cassels, na “Festa Nacional chamada da Árvore” (EL, 350).

Em 1913, Augusto Nogueira e a esposa, Albertina Lopes de Almeida, ambos professores no Torne, fixam residência no Prado e aí começam a leccionar, abrindo um novo ciclo na escola. Ambos foram professores por muitas décadas e após a morte de Cassels (1923), Augusto assumiu formalmente a direção, validada por alvará em 1935.

Para a população, o Prado começou a ser conhecido como “a escola do Senhor Nogueira”, sinal da marca que deixou sobre gerações de estudantes do ensino ele-



Arquivo da Paróquia do Salvador do Mundo

Classe feminina, com uma professora. Década de 1930 (?)



Grupo de alunos da Escola do Prado, com outras pessoas. Augusto Nogueira está ao centro, junto ao estandarte (década de 1930?).

mentar como também, pelo menos até à década de 1930, em cadeiras do ensino secundário. Júlio Duarte (1999), seu aluno nessa época, recorda que o mestre “além das classes do ensino primário ministrava as aulas noturnas de português, francês, inglês e cálculo comercial”, e também Joaquim Antunes, numa homenagem promovida em 1991 por alunos que frequentaram a Escola na década de ‘40, afirma as “excecionais qualidades” de um professor que “não se limitou a ensinar apenas a matéria do programa oficial, mas soube fazer dos seus alunos cidadãos muito dignos para amarem a sua Pátria” (cit. em Duarte 1999).

Durante o século XX, as duas escolas fundadas por Diogo Cassels em Gaia tiveram percursos similares, granjeando reconhecimento social e prestígio pela sua exigência pedagógica mas sofrendo crónicas dificuldades financeiras. No Prado, para além das módicas propinas dos alunos, a escola viveu especialmente do financiamento de Cassels e das ofertas de amigos e benfeitores, como os filhos de J. Mariani, que após a morte do

pai continuaram a apoiar a escola durante décadas, e muitas empresas e instituições de Gaia, como se registou em livros próprios.

Na década de ‘20, a situação financeira tendia a agravar-se, mas fazia-se notar que “a instrução (...) continua a ser pública para todos e gratuita, pagando os alunos apenas a quota de 10 centavos por mês em auxílio dos preparos da escola”. Na continuação é lançada a ideia para que os pais contribuam com um donativo de 1\$50 “inteiramente voluntário, não obrigatório” destinado a suportar as “despesas de conservação e reparação e também auxílio” das Escolas do Torne e do Prado (EL, 482). A partir de 1925 passa a realizar-se anualmente uma quermesse para angariar fundos para a Escola, e em 1935 foi criada a Associação dos Antigos Alunos da Escola do Torne e do Prado, justamente com a missão principal de colmatar as dificuldades financeiras das escolas.

A década de 1930 começou com alguma intranquilidade, resultante da promulgação pelo Estado Novo do Estatuto do Ensino

Particular (1934). Para além da natural mudança de programas e manuais, diversas inspeções apontaram benfeitorias a realizar, a necessidade de se adquirir material didático, como uma caixa métrica, e referiram que os professores tinham que ser diplomados para poderem lecionar, mas preocuparam-se sobremaneira em impor a afixação das fotografias do Presidente da República e do Presidente do Conselho de Ministros e de um crucifixo.

Nos decénios de 1940 e 1950 é construído um “barracão” para servir de refeitório para as crianças da escola, já então exclusivamente masculina, e fazem-se diversas obras (novas retretes, caiação e pintura e instalação de lambrins de madeira nas salas de aula), mas por ordem governamental a escola do Prado, como a do Torne, foi encerrada em 1954, reabrindo apenas no começo do ano lectivo de 1956.



Livro de registo dos benfeitores das escolas do Torne e Prado (1930), com carimbos de algumas das principais firmas estabelecidas em Gaia.



O prof. Augusto Nogueira e sua filha Albertina Augusta Almeida Nogueira Queiróz, primeiros diretores da escola.

A vida escolar decorre sem sobressaltos participando os alunos em todas as iniciativas promovidas pelas outras escolas evangélicas ou nas atividades da comunidade do Prado. Nos inícios de 1960 é adquirido mobiliário escolar e perpassa uma certa euforia face ao aumento das matrículas, pensando-se em contratar mais uma professora, o que só veio a suceder em finais da década de '70.

O tempo político paulatinamente ia mudando e em 1972 é restabelecida a coeducação no ensino primário, o que de novo restaura a esperança numa escola consolidada. Mas o tempo mudou demasiado rapidamente e inevitavelmente abril de 1974 marca o início de novos reptos para a escola.



As últimas professoras da Escola. À direita, Esperança Maria Lopes Braga, docente desde 1979, assumiu em 1981 funções de diretora. À esquerda a profª Maria Manuela dos Santos Oliveira.

Inicia-se em 1975 uma reflexão que ambiciona dotar o Prado com outras valências, pensando-se na criação de um infantário ou de um lar para pessoas idosas. Já em 1979 fala-se da oferta de refeições quentes aos alunos, aulas de música e de ginástica, ao mesmo tempo que se discutem obras urgentes como a substituição das lousas das salas, os sanitários e o refeitório, perpetivando-se ainda a construção de um recreio coberto.

alunos aprovados no exame da 4ª classe era oferecida uma Bíblia, sinal da natureza e vocação da instituição.

As permanentes dificuldades financeiras, a par de um diferente contexto sociológico que aqui não cabe analisar, tornaram inevitável o encerramento do ensino primário em 1989, na escola do Prado como na do Torne. Nesse mesmo ano foi fundada a Associação das Escolas do Torne e do Prado, mas ao contrário do Torne, onde se mantiveram



Grupo de alunos (década de 1980).

No entanto as expectativas tiveram que ser adiadas face a constrangimentos de natureza diversa, entre os quais a quebra drástica da comparticipação financeira do Ministério da Educação para além da progressiva democratização da escola pública, a reconfiguração dos ciclos de estudo e a alteração da escolaridade obrigatória. Mesmo neste cenário de iminente retração, a Escola foi adquirido mobiliário, aquecedores elétricos e um gira-discos, e para os

atividades pedagógicas e houve condições para relançar novos projetos, no Prado não pôde garantir-se a continuidade imediata do trabalho social. Houve que desenvolver um projeto adequado e angariar apoios para obras, o que não se revelou fácil. Só em 2006 foi possível colocar em funcionamento o Centro Social do Salvador do Mundo, particularmente vocacionado para apoio à população idosa e que constitui um dos pólos do centro comunitário da AETP.

Reinventando um legado de amor: o Centro



O trabalho social inaugurado no Torne por Diogo Cassels no século XIX e estendido ao Prado em 1901 foi sempre muito mais além das atividades escolares. Atento às carências do meio social onde testemunhava e punha em prática o amor de Deus, Cassels implementou diversos dispositivos de apoio aos mais desfavorecidos, fossem crianças, fossem idosos ou desempregados.

Assim, a noção da educação em sentido amplo e a preocupação de fomentar a inclusão sempre fez parte da matriz das escolas do Torne e do Prado e assim foi sustentada pelos sucessores de Cassels. A partir da década de 1980, com as novas condições suscitadas pelo regime democrático, a necessidade de diversificar a intervenção social e ir ao encontro de outros setores da sociedade foi mais notória.



Desta forma, quando em 1989 teve de interromper-se o ensino básico, já outras valências estavam implementadas e novos projetos se alinhavam no horizonte. Assim nasceu, nesse mesmo ano, a Associação das Escolas do Torne e do Prado, uma associação sem fins lucrativos que assumiu o legado de Cassels, Fiandor, Nogueira e de todos os que naquelas duas escolas deixaram um legado de compromisso e generosidade à causa dos mais frágeis.

O Centro Social do Salvador do Mundo começou a ser projetado ainda na década de 1990, mas a falta de apoios que garantissem a sua sustentabilidade adiou a sua abertura. Assim, quando em 1997 a



Social do Salvador do Mundo



Fotos: AETP e Paróquia do Salvador do Mundo



18/19

AETP inaugurou os serviços do Centro Comunitário a oferta limitou-se ao Centro Social do Bom Pastor (Candal, V. N. Gaia). Formalmente inaugurado em 2003, o Centro Social do Salvador do Mundo iniciou os seus serviços a 13 de Março de 2006, mesmo sem estarem garantidos quaisquer apoios do Estado, apoiando no seu centro de dia 18 idosos.

Passada uma década o trabalho está mais sólido e a oferta é ainda mais qualificada. O Centro Social apoia diariamente 30 pessoas, que procuram o serviço de cantina, lavandaria e o espaço de cultura e lazer. As atividades, diversificadas com passeios, iniciativas culturais ou intercâmbio com outras instituições, incluem também tempos de reflexão e apoio espiritual.

A AETP, procura neste equipamento ser fiel à sua missão de serviço, inclusão e educação, definindo com cada uma das pessoas que procura o seu apoio (dos 35 aos 95 anos) um percurso, um projeto de vida que as possa tornar mais felizes. Este ano em que o Centro Social do Salvador do Mundo comemora o 10º aniversário, tem sido tempo de avaliar o que tem sido feito e o modo como tem sido tocada a vida de muitos.





Fotos: Paróquia do Salvador do Mundo

A Paróquia do Salvador do Mundo é uma comunidade cristã que procura ser sinal do Evangelho de Cristo no lugar em que está edificada.

O centro da sua atividade é a celebração eucarística. Ao domingo a comunidade reúne-se para acolher a proclamação da Palavra de Deus, celebrar o sacramento da Eucaristia e vivenciar a fraternidade cristã.

É uma igreja constituída por crianças, jovens, adultos e idosos de diversos meios e contextos sociais e pretende ser uma comunidade familiar e fraterna capaz de incluir e acolher todos aqueles e aquelas que a procuram em busca do conhecimento e da vivência do amor de Deus para as suas vidas.

Uma comunidade viva em

A comunidade é governada pela *Junta Paroquial*, que integra o pároco e leigos eleitos pelos paroquianos.

O *Esforço Cristão do Prado* (desde 1927) tem uma Direção ativa, e desenvolve um importante papel na paróquia, nomeadamente pelo seu boletim noticioso, editado de três em três meses.

A *Sociedade de Senhoras* (desde 1937) assegura o embelezamento da Igreja e é responsável pelo espaço de confraternização após as celebrações.

A *Escola Dominical* apoia a formação cristã de crianças e adolescentes, envolvendo muitas vezes alunos e pais na dinamização do culto.

O grupo *Peregrino* oferece aos adultos, pertencendo ou não à comunidade, um espaço de reflexão e aprofundamento da fé.

O *Bazar do Prado*, habitualmente em Novembro é tradicionalmente a maior atividade social da Paróquia, reunindo muitas pessoas e apoiando financeiramente a missão da paróquia.



Fotos: A. Silva e Paróquia do Salvador do Mundo

busca de caminhos novos

Em 2015 o *Prado em Festa* foi um evento “ao serviço da comunidade para o bem comum”. Durante três dias houve poesia e tertúlias, concertos e expressão musical com Fit-B, exposições e bancas de associações, caminhada pelas ruas envolventes com a fanfarra dos “Mareantes”, e um colóquio, encerrando com celebração ecuménica.

Através do *Projeto Esperança* recolhem-se géneros alimentares para apoio a famílias carenciadas, testemunhando nessa partilha o amor de Deus.

O envolvimento da comunidade em realizações ecuménicas é sentido como uma importante área de missão, nomeadamente pela participação anual nos eventos da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, com crentes católicos e de outras confissões cristãs.

Eucaristia Dominical: 11h00

Escola Dominical/Catequese: 11h00

Grupo Peregrino: Domingos às 18h00 (quinzenal)

Apoio espiritual e visitação: sextas-feiras (marcação)

Centro Social: Seg. a Sexta das 10h às 17h

Templo: Largo do Arco do Prado, nº 15 - Coimbrões.
4400-026 Vila Nova de Gaia

(junto ao Centro de Saúde Barão do Corvo)

Telf: 223754018 - **Tlm:** 914687858

E-mail: salvadordomundo@igreja-lusitana.org

Web: www.igreja-lusitana.org

Coordenadas GPS

41°7'37.23'24" N 8°37'30.0174" W



paroquiodosalvadordomundo

20/21

O Rev. **Sérgio Alves** é desde 2014 o pároco do Salvador do Mundo.

Licenciado em Ciências Religiosas, é mestre em gestão e prevenção e tem formação em Direito e Ciências do Trabalho. Nascido na comunidade, ali foi instituído leitor (2010), ordenado diácono (2012) e presbítero (2014).

A sua esposa, Filipa, está também envolvida no trabalho social da Igreja e são pais do João, de 5 anos.



(Mais) algumas figuras

Em cento e quinze anos de história muitas pessoas poderiam ser destacadas, pelo papel que tiveram em distintas organizações, pela intervenção decisiva em diferentes circunstâncias... ou simplesmente pelo testemunho sereno mas perene e de crentes fiéis. Além do fundador e ministros responsáveis pela congregação poderiam relevar-se todos e todas que deixaram o seu nome na docência da escola, os que serviram na junta paroquial, na direção do Esforço Cristão e nos diversos departamentos da igreja. Numa escolha sempre difícil e subjetiva elencam-se apenas alguns nomes, representando as primeiras gerações de obreiros da Igreja do Prado e uma das personalidades particularmente ligadas à instituição.



Foto: Arg. Hist. IL

Júlio Duarte (1911-2005) foi uma das grandes testemunhas do primeiro século da igreja e escola do Prado, onde estudou, ficando profundamente marcado pela personalidade do rev. Augusto Nogueira, seu professor. Ainda muito jovem já editava jornais, escrevia para outros e tinha a preocupação de registrar para a posteridade a história que observava e ajudava a fazer, gosto que manteve ao longo da vida e fazem dele o grande cronista do Prado e de Coimbrões. Presente durante muitas décadas na Junta Paroquial, na direção do Esforço Cristão, na administração da escola e em muitos outros campos, deixou uma marca indelével na igreja do Salvador do Mundo.



Foto: Arquivo Particular

Joaquim Pina Cabral (1897-1971) e **Maria Pina Cabral** (1895-1971). Não pertencendo à paróquia, este casal merece registo pela generosidade com que ao longo de muitos anos ajudou a comunidade, nomeadamente a partir da altura em que o rev. Daniel de Pina Cabral, seu filho, serviu como ministro no Salvador do Mundo. Joaquim Pina Cabral foi leitor leigo, prestando também algum apoio à igreja nessa qualidade. Em 1954 concorreram com ofertas e empréstimo para as obras do templo, oferecendo a nova pia batismal; em 1962 custearam a nova porta principal da igreja e outras obras; em 1963 ofereceram um sino e campanário e em 1966 o magnífico vitral de Guilherme Camarinha, entre outras ofertas que não podemos descrever. Nesse mesmo ano a Junta descerrou o retrato de Joaquim Pina Cabral junto à galeria de párocos, em sinal de reconhecimento e gratidão da paróquia.



Foto: Arquivo Particular

Alexandre Rodrigues Fernandes (1912-1992), aluno do professor Augusto Nogueira na escola do Prado, destacou-se desde muito novo nas atividades da paróquia. Em 1924 fez parte da Liga Juvenil e três anos mais tarde foi um dos fundadores da União Cristã, organização que deu origem ao Esforço Cristão do Prado, em cuja direção esteve por muitos anos. A partir de 1933 integrou a Junta Paroquial, onde se manteve por meio século. Alexandre Fernandes dedicou-se à prática literária, em particular à poesia, alcançando numerosos prémios em concursos e jogos florais por todo o país.



Foto: Arquivo Particular

Manuel Delfim dos Reis Queiroz (1914-2001), genro de Augusto Nogueira, foi um dos leigos mais comprometidos no trabalho da igreja do Salvador do Mundo. Eleito pela primeira vez para a Junta Paroquial em 1942 seria depois tesoureiro por mais de três décadas, apoiando também a administração da escola, funções que desempenhou até aos inícios dos anos '80, sendo reconhecida a sua competência e postura exemplar. Foi também membro da direção do Esforço Cristão do Prado, a que chegou a presidir em 1948-49.



Foto: O'Callin, V. N. Galah, 1894

José Mariáni (1828-1905). Italiano, industrial têxtil, tinha a sua fábrica a pouca distância do Arco do Prado. Júlio Duarte recorda-o como indefetível republicano. Foi um dos grandes apoiantes da escola do Prado, e Cassels designa-o mesmo como "um dos iniciadores desta obra". Em 1901 contribuiu com 100 mil réis para a compra do relógio e 50 mil réis para outras despesas, verba que se replicou nos anos seguintes e que os seus filhos continuaram a oferecer anualmente pelo menos até 1952.

Nota bibliográfica

Devem-se a Júlio Duarte numerosos trabalhos que compõem a história da igreja do Salvador do Mundo, a maior parte dos quais em pequenas edições dactilografadas. São particularmente úteis os estudos *A Igreja do Prado. Paróquia do Salvador do Mundo da Igreja Lusitana* (1980), *A Escola do Prado. 80 anos ao serviço da instrução do povo de Coimbrões* (1982) e *O Professor Augusto Nogueira e a Escola do Prado* (Bolet. Assoc. Cult. Amigos de Gaia, 1986), materiais aproveitados para um capítulo dos seus *Apostamentos monográficos de Coimbrões* (V. N. Gaia, 1994). Nos trabalhos mais recentes destacam-se *O Esforço Cristão em Vila Nova de Gaia de 1903 a 2002...*, *Os Patronos das Ruas de Coimbrões* (2003, com Isabel A. Monteiro) e especialmente *A Paróquia do Salvador do Mundo () 1901-2001* (1999).

Como fontes coevas das primeiras décadas da paróquia devem referir-se a obra de Diogo Cassels *A Reforma em Portugal...* (Porto, 1908) e especialmente o noticiário da imprensa, muito em especial o jornal *Egreja Lusitana* (citado como *EL* nos textos), que Cassels editou até 1923, bem como os relatórios anuais da Igreja Lusitana.

Para além desta bibliografia, recorremos aos arquivos históricos da Igreja Lusitana (atas do Sínodo e da Comissão Permanente, entre outros documentos) e da Paróquia do Salvador do Mundo. Um grande manancial de informações pode colher-se na imprensa lusitana, para além do *Egreja Lusitana*, *O Bom Pastor*, *A Luz e Verdade*, *O Cristão Lusitano* e os mais modernos *Ecclesia*, *O Despertar* e *O Novo Despertar*, para além do periódico inglês *Light and Truth* e, de grande interesse para as últimas décadas, o *Boletim do Esforço Cristão do Prado*.

Entre os trabalhos modernos podem ver-se para a figura de Diogo Cassels os trabalhos de Fernando Peixoto: *Diogo Cassels, uma vida em duas margens* (V. N. Gaia, 2001) e *Diogo Cassels. A Praxis ao serviço da Fé* (V. N. Gaia, 2005). Especificamente sobre a Escola do Prado publicámos já um pequeno ensaio em *Associação das Escolas do Torne e do Prado: servir, educar e incluir* (V. N. Gaia, 2015), podendo ainda consultar-se para um enquadramento geral das escolas, para além dos livros de F. Peixoto, o estudo de J. A. Afonso, *Protestantismo e Educação: história de um projecto pedagógico alternativo em Portugal na transição do séc. XIX* (Braga, 2009).

Pequeno glossário

Bispo – Uma das três ordens do ministério ordenado na Igreja Lusitana, que compreende diáconos, presbíteros e bispos.

Comissão Permanente – órgão de gestão que administra a Igreja Lusitana nos intervalos do Sínodo.

Congregação – designação equivalente a paróquia, dirigida pastoralmente por um presbítero e dotada de uma Junta Paroquial para o seu governo.

Diácono – Ver *Bispo*.

Diocese – estrutura nacional da Igreja Lusitana, integrando todas as paróquias e missões locais.

Escola Dominical – O mesmo que aula bíblica ou catequese.

Evangélica – Na primeira metade do séc. XX, este adjectivo, tal como *protestante*, aplicava-se genericamente a todas as igrejas distintas da católica-romana, as derivadas do protestantismo histórico, as resultantes de ramos secundários do protestantismo ou movimentos de reavivamento populares ou mesmo as de natureza anglicana, como a Igreja Lusitana.

Evangelista – Termo caído em desuso na Igreja Lusitana; correspondia a alguém autorizado a dirigir reuniões religiosas informais.

Igreja Lusitana – Fundada em 1880, em Lisboa, por um grupo de padres dissidentes da Igreja Católica Romana que se haviam aproximado do anglicanismo. Nesse ano aderem à IL Diogo Cassels e a congregação do Torne, até então metodistas. Nas décadas seguintes vão ligar-se à IL quer outros padres egressos do catolicismo romano, quer algumas figuras que haviam feito a sua formação religiosa em comunidades protestantes ou evangélicas. No Norte do País, as paróquias mais antigas são S. João Evangelista, Torne (1868), Redentor, Bonfim (1884), Bom Pastor, Candal (1887), Salvador do Mundo, Prado (1901) e Cristo, Oliveira do Douro (1907). Em 1958 a IL teve o seu primeiro bispo e em 1980 foi formalmente integrada na Comunhão Anglicana, uma família mundial de igrejas anglicanas.

Junta Paroquial – Conjunto de leigos, eleitos pela comunidade, que dirige uma paróquia, sendo presidida pelo pároco ou por um leigo nomeado pelo bispo

Ministro – Designação tradicional equivalente a pároco ou pastor.

Missão – Comunidade com organização mais informal, dependente de uma paróquia.

Pastor – Designação tradicional equivalente a pároco ou ministro.

Pregador licenciado – Atualmente corresponde a leitor leigo; tratava-se de um leigo a quem era dada licença para pregar, sob a supervisão de um ministro.

Presbítero – Ver *Bispo*.

Rev. – Abreviatura de *Reverendo*, título respeitoso utilizado para designar os diáconos e presbíteros na Igreja Lusitana.

Sínodo – o órgão máximo de governo da Igreja Lusitana. É uma assembleia diocesana que reúne todo o clero da Igreja e um representante secular de todas as comunidades (moderadamente inclui também os leitores leigos e elementos de outras comissões e departamentos diocesanos).



**IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA
(COMUNHÃO ANGLICANA)**